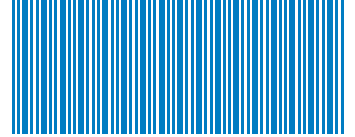


## Editorial

O conflito é inerente à riqueza e à diversidade das relações humanas, seja em ambientes de trabalho, na escola ou no interior das famílias. Não podemos fugir dos conflitos, mesmo que, muitas vezes, nos esforcemos para evitá-los – ou ignorá-los. Eles permanecerão latentes caso não sejam enfrentados com destemor e sabedoria, ameaçando explodir em violência ao menor sinal de atrito. Esta edição da *Revista Veras* se debruça sobre a mediação de conflitos, um tema absolutamente urgente de ser tratado por pais e educadores.

Inaugurando a seção de entrevistas de nossa publicação, Valter Roberto Silvério, do Departamento de Sociologia da Universidade de São Carlos (UFSCar), se detém sobre o que, talvez, seja o conflito por excelência, não apenas na escola, mas no país: carregamos o peso da desigualdade social trazida até os dias de hoje por conta de um tortuoso processo de eliminação do trabalho escravo que, além de ter sido o último a ser resolvido no mundo ocidental, não se preocupou em integrar os escravos libertos à ordem econômica.

Até a promulgação da lei 10.639, de 2004, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira na escola, o papel do negro na formação do Brasil era visto quase que exclusivamente sob o ponto de vista da força de trabalho. À cultura e ao conhecimento nascidos desse encontro transcontinental restava um papel periférico, até mesmo por absoluta carência de material didático. Mas essa não pode ser mais uma desculpa para não se colocar em prática a lei, aprovada há mais de uma década e que ainda não se tornou realidade na maioria das escolas do país. Silvério esteve à frente de um monumental esforço para suprir a escola brasileira com informações sobre a cultura e a história africanas: o sociólogo coordenou a publicação da *História Geral da África* (Zerbo, 2010), uma alentada coleção de oito volumes publicada pela Unesco disponível para leitura na internet e em milhares de bibliotecas públicas, além de estar à frente da elaboração de um volume-síntese da mesma coleção e das séries didáticas, com propostas de atividades pedagógicas para professores da educação básica (atenção: para os docentes de Educação Infantil já há material disponível sobre cultura afro-brasileira nos sites do MEC e da Unesco).



A mediação de conflitos também é tema de outros três artigos desta edição da *Revista Veras*. Em “Mediação na Catalunha – um projeto, uma inspiração”, Priscila Lambach analisa a bem-sucedida experiência levada a cabo nessa região da Espanha, destacando o papel decisivo do envolvimento das famílias de alunos em um trabalho em rede que, saindo dos muros da escola, busca enfrentar conflitos que muitas vezes ocorrem não no interior, mas no entorno das instituições educacionais. E a participação das famílias, nesse caso, revela-se decisiva.

Em “Responsabilização coletiva: uma prática restaurativa para construção de paz na convivência escolar”, a terapeuta familiar e educadora Cecília Pereira de Almeida Assumpção destaca a metodologia da Pirâmide Reparadora, que se sustenta sobre os quatro pilares da Pedagogia Relacional: comunicação, cooperação, positividade e atendimento às necessidades.

E quais seriam as características ideais que um bom mediador de conflitos deve ter? A comediação, quando feita por dois mediadores, com estilos e formação distintas, pode gerar efeitos mais duradouros? Essas e outras questões, como o risco da naturalização da violência e dos preconceitos caso os conflitos não sejam enfrentados adequadamente, são abordadas por Deborah Regina Lambach Ferreira da Costa no artigo “A importância de diferentes olhares (escuta ativa) na mediação familiar: a interdisciplinaridade”. Com formação em Direito e atuando como Procuradora na cidade de São Paulo, a autora defende a atuação interdisciplinar e processos de comediação, tanto em conflitos de origem familiar quanto escolar.

Por fim, esta edição é encerrada com outra mediação, mas desta vez de aprendizagens, exercida pelos docentes envolvidos com o Programa Educação Cidadã, desenvolvido pelo Hospital Israelita Albert Einstein junto à comunidade de Paraisópolis, no Morumbi, em São Paulo. Em seu artigo “Aprender a pesquisar: ato que ressignifica a aprendizagem e mobiliza a construção de novos saberes”, a educadora Solange Maria Rodrigues Alberto nos mostra a atuação de professores e alunos na elaboração do Plano de Pesquisa Individual, instrumento pelo qual crianças de 6 a 8 anos aprenderam a planejar seus primeiros trabalhos. Os primeiros de uma vida destinada a grandes descobertas, como deveria ser a trajetória de todo aluno ao longo de sua vida escolar.

Uma boa leitura a todos!

Regina Scarpa, diretora pedagógica do Instituto Vera Cruz

Ricardo Prado e Renata Lopes Costa Prado, editores da *Revista Veras*

